



Cristiano Scherer. Crédito: Cesar Mattos

Entrevista: Cristiano Scherer – Som para cinema

Gerson Rios Leme¹

Docente nos cursos de cinema da UFPel, doutorando na UFPel e coordenador do grupo de pesquisa Paisagem Sonora Audiovisual

Cristiano Scherer nasceu em 1973, mora atualmente em Curitiba - PR e trabalha desde os anos 90 com audiovisual em funções variadas, porém, a área de som é seu campo profissional, atuando como técnico de som direto, *sound designer*, mixador, microfonista, assistente de som direto e editor de som, entre outras atividades. Compôs equipes de filmes como *Tolerância* (Carlos Gerbase, 1999), *Netto perde a sua Alma* (Beto Souza e Tabajara Ruas, 2001), *O Homem que Copiava* (Jorge Furtado, 2002), *Ainda Orangotangos* (Gustavo Spolidoro, 2006/2007), *Wood & Stock* (Otto Guerra, 2006), além de uma rica produção que inclui curtas, médias e longas-metragens, publicidade e TV, abrangendo produções em 16mm, 35mm, 8mm, com áudio mono, stereo e surround.

A Revista Orson conversou com Cristiano Scherer sobre sua trajetória profissional e seu trabalho com som para audiovisual em diferentes formatos, funções e finalidades, além de coletar boas dicas para profissionais da área e quem se interessa pelo tema.

ORSON - De que modo iniciou a sua trajetória com som para cinema e audiovisual?

Scherer - Quando decidi cancelar a faculdade de educação física e trabalhar, motivado pelo fato de achar injusto meus pais pagarem um curso na qual eu não estava nada empolgado, eu arranjei um emprego de Office boy numa produtora de vídeo chamada Video Versa...

¹ griosleme@gmail.com

Em pouco tempo, motivado pela minha paixão pelos equipamentos eu já editava pequenas vinhetas, trabalhava nas externas como produtor, eventualmente operava câmeras, ...

Durei uns 2 anos lá, a paixão pelo cinema floresceu. Sincronizado com a “retomada” do cinema brasileiro dos anos 90, lembro do filme do querido diretor Sergio Silva, o qual infelizmente já não nos acompanha mais, *Anahy de las Misiones*... Lembro-me como se fosse ontem o dia que sai do cinema, empolgado demais, não parei mais de pensar em trabalhar com cinema...

De forma autodidata, segui estudando e buscando caminhos, acabei saindo da VideoVersa e virei *freelancer*, comecei trabalhando como boy e produtor de set, fiz alguns trabalhos como assistente de elétrica, fui aprendendo tudo que podia, minha sede de aprender era grande e não tínhamos outro jeito, a não ser trabalhando de assistente para os profissionais mais experientes, e assim o fiz...

Paralelo a isso sempre fui um “rato de estúdio” e apaixonado pela música, sempre tive meus instrumentos e por grande parte da minha vida sempre estive envolvido em projetos musicais. Vivia em estúdios de ensaio e gravação e quando Kiko Freitas me apresentou a Tec Audio, eu comecei minha passagem dentro de um estúdio de música... Lá trabalhei de assistente de estúdio, depois acabei fazendo coisas como técnico de gravação, e mais tarde foi o local onde comecei a mixar cinema...

Cruzei com grandes mestres por lá, Egon Alcher, o “chefe”, Renato Alscher um técnico de som sem igual, Fernando Dimenor, grande cara e um grande técnico, acabamos parceiros nas mixagens de cinema em 5.1 na Tec Audio, com o apoio do Marcelo Corsetti, segurando as pontas e ousando como dono de estúdio...

Nessa fase eu revezo meu tempo com os comerciais onde trabalhava como produtor de set e os trabalhos no estúdio.

Quando bate em minha porta o Guilherme Algarve, meu atual sócio companheiro fiel na minha filmografia, me fazendo um convite pra “investirmos” no cinema.

Fui a campo estudar possibilidades, tinha em mente montar uma super Kombi de produção para trabalhar com cinema, já que na época eu trabalhava no set, foi a primeira coisa que me ocorreu... O Gilson Vargas, diretor/produtor de cinema, me alerta do fato de Porto Alegre estar precisando de bons profissionais de som, que o projeto de uma super Kombi era “ultrapassado”... Ele tinha razão...

Isso faz acreditar no sonho e enxergar uma possibilidade concreta, completa falando que “por acaso” ele rodaria um filme dentro de 6 meses a 1 ano e que se eu comprasse a ideia e estivesse pronto, poderia fazer o som do filme dele, esse é o Até, media metragem, 16 mm, de Gilson Vargas, meu primeiro som direto...

A edição de som e mixagem, vem logo depois, 2 ou 3 anos, eu ficava muito infeliz quando gravava o som direto e depois despachava pro centro do país pra alguém editar e mixar, logo estava estudando e testando setups de edição e mixagem de som...

É, meu início foi meio confuso, depois quando minha carreira de som começa a embalar eu consigo fazer alguns cursos, conheço Jose Luiz Sasso pessoalmente e tenho a honra de ter uma aula “particular” com ele no escritório da JLS, o acesso a equipamentos já não é mais tão complicado, a internet e ferramentas em geral melhoram, surgem novas parcerias, as coisas começam a acontecer e aí foi só seguir trabalhando, estudando e se divertindo ...

ORSON – No seu ponto de vista, quais as principais funções que podem ser atribuídas ao som quando relacionadas ao discurso fílmico?

Scherer – Bom, desculpem-me talvez a falta de modéstia, mas o som na narrativa de uma obra fílmica é tudo!

O caminho solicitado pelo roteiro é reforçado com um bom som direto, som direto pode parecer algo extremamente técnico, mas não é só isso, um técnico de som criativo e conectado ao trabalho que está fazendo sempre tem como contribuir e ajudar a construir a narrativa...

Depois de montado o filme, na edição de som, acentuamos ou suavizamos os contrastes narrativos, colorimos a imagem sonora, damos o tom dramático da peça. É um universo fantástico e muito

divertido, agora com as tecnologias avançando a todo vapor, já passamos a fase (felizmente já ha um bom tempo) de que o bom som era aquele na qual os expectadores conseguiam ouvir os diálogos nitidamente. No início da minha carreira eu ouvi mais de uma vez, “*nossa o som está muito bom, dá pra entender tudo o que as pessoas falam!!!!*”. Eu ficava chocado pensando que aquilo seria o pré-requisito mínimo e indagava: tá, mas e a narrativa, a imagem sonora? E quando as pessoas vão ouvir o desenho do som?

Felizmente os tempos mudaram e as pessoas estão ouvindo muito mais agora, claro, somado ao fato de um aprimoramento técnico e facilidade de acesso as ferramentas de produção que ate então não existia.

ORSON – Qual é a sua análise do cenário brasileiro/gaúcho atualmente em relação à produção de som para audiovisual?

Scherer – Nas últimas duas décadas, a qualidade e quantidade de excelentes profissionais de som no Brasil cresceu de uma forma impressionante, o som do cinema brasileiro melhorou e muito!

Estamos num padrão altíssimo, digamos que uma parte considerável da nossa produção tem um “padrão universal”...

O que precisamos para nos fortalecer e nos mantermos assim é um volume de trabalho melhor com orçamentos saudáveis, a velocidade das tecnologias e o fácil acesso, fez com que os orçamentos de produção e o prazo de execução despencassem, o que acabou prejudicando muitos profissionais de cinema no país, pois as ferramentas não fazem milagres! Som mal gravado, pode ser consertado ate um ponto X, dali ele não passa, nosso 100 % vira 60% ou 70%, vamos entender o que as pessoas falam, mas não teremos o timbre e a cor do som desejado... Nossa “pintura” fica limitada, ficamos limitados a consertar “coisas” e não temos tempo para criar “coisas”...

A finalização de som é um trabalho braçal absurdo, reconstruímos todo o universo dos sons, se não temos tempo para fazermos um bom *foley*, para editarmos cada fragmento de ambiente, cada respiração, para buscarmos os melhores sons ou testarmos diferentes esboços de desenho de som e assim por diante, fica difícil! Ainda

não fazemos milagre! Um filme que precisa de 700 horas de pós-produção de som, se tiver 200horas, não vai soar como desejamos, não teremos todos os sons que gostaríamos de ouvir, seria um filme sem tempero, um “arroz e feijão básico”.

Claro, nada contra isso, isso funciona muito bem, mas como já falei cada caso é um caso! Imaginem Tropa de Elite, por exemplo, sem aquela magnífica edição de som, sem suas infinitas pistas de som... se todos os tiros tivessem o mesmo som, a mesma perspectiva, se não ouvíssemos cada detalhe dos impactos... Não tenho dúvidas de que o impacto dramático seria muito prejudicado!

ORSON – Qual dinâmica de trabalho você costuma seguir nas produções com as quais se envolve?

Sempre começo lendo o roteiro e tentando visualizar e ouvir o filme na minha cabeça, antes de qualquer coisa. É fundamental ler o roteiro antes da primeira conversa com a produção do filme, depois reler e conversar com o diretor, ouvir suas expectativas, bater aquilo que você imaginou, com aquilo que o diretor e o produtor buscam e chegar a um denominador comum estético e metodológico. Depois disso é só colocar em prática o plano.

ORSON – Em que fase é mais comum ser contratado: na pré-produção, na produção ou na pós-produção? Poderia citar prós e contras relativos ao som em cada uma?

Scherer – Na grande maioria das vezes sou contratado na pré-produção, o que no meu ver me parece o ideal, mesmo que seu trabalho seja “só” o de mixador do filme, o quanto antes fechar o negócio, mais tempo tem para se organizar e ter ideias. Contratações de última hora funcionam também, mas é diferente. Pode ser muito bom para produções de grande porte um ouvido “fresco” entrar no processo, nos acréscimos pode ajudar muito!

ORSON – Quais os equívocos mais comuns nos processos criativos ou no emprego das diferentes camadas sonoras em produtos audiovisuais?

Scherer – Nos anos 80 e 90 acho que os editores de som pecavam

um pouco pelo excesso do uso de efeitos sonoros, tudo era cheio de passarinhos, efeitos limpos, oriundos de biblioteca, muito pouco material original produzido, um som muito claro às vezes. Eu sempre preferi sons mais cheios, com boas bases de ambientes de fundo e o menor uso possível de bibliotecas, sempre que possível gravo ou produzo todos os sons.

Porém, é bem compreensível, faz parte do processo de evolução e as ferramentas de trabalho melhoraram. O 5.1 traz um espaço maior de criação e sai todo mundo sentando a mão, experimentando.

Hoje é normal ter 300 ou 400 pistas de som, evoluímos e é mais ou menos assim que anda a coisa nos filmes de grande porte, mas com uma lógica de soma, elementos sonoros para um mesmo efeito somado em camadas, porém com frequências e cores diferentes, um som de carro pode ter 2, 3 ou 20 *layers* de som, o importante é a real necessidade do tamanho do som que se busca e a sabedoria pra somar elementos que se completem. Não que se anulem...

Agora, toda essa composição exigirá uma ótima mixagem, com um mixador experiente num setup que comporte o tamanho de sua edição, portanto se você não tem prazo e orçamento para uma mixagem grandiosa, não faça uma edição grandiosa!

ORSON - Que outros profissionais merecem destaque como influência na área de som para audiovisual e por que os considera deste modo?

Scherer - Quando comecei a me transformar num profissional de som de cinema, Walter Murch era minha maior referência, a maneira como ele “visualizava” o som sempre me encantou e era justamente o que eu buscava, o conceito de *sound designer* veio dele...

Jose Luiz Sasso é algo como o “pai” dos mixadores no Brasil!

A turma do Alessandro Laroça e Armando Torres vem arrebatando, assinam o som de grandes produções como *Tropa de Elite...*

Miriam Biderman, Beto Ferraz, Maria Louzeiro, também excelentes editores de som e *sound designers*.

Grandes feras como José Louzeiro, João Godoy, Toninho Muricy, Joarez Dagoberto, uma lenda viva do som no cinema brasileiro, Leandro Lima, os Saldanha, Romeu Quinto, Guilherme Algarve, meu grande parceiro, além de um grande técnico de som, o melhor microfonista que já vi trabalhar, se destacam no som direto.

ORSON - Alguma dica para quem está iniciando nesta profissão?

Scherer - Perseverança, garra, tem que acreditar e não esmorecer! Pode parecer muito bonito trabalhar com cinema, ser algo legal pra se falar, mas não podemos esquecer que é uma profissão e muito séria, que a gente rala demais, que fica difícil ter uma vida pessoal separada de sua carreira, tem que ser apaixonado por sua profissão e não parar de estudar nunca! As ferramentas estão por aí, e todos tem acesso a elas, de uma forma cada vez mais fácil, portanto o que vai separar o joio do trigo é a pecinha que esta atrás da máquina, você!